

**Prezado(a) ENAYDE FERNANDES SILVA, informamos que seu trabalho intitulado QUAIS DESAFIOS ESTÃO POSTOS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL? foi ACEITO COM RESTRIÇÃO no IV Fórum Internacional de Pedagogia pela comissão científica.**

**As modificações pertinentes estarão descritas abaixo:**

**"Tratar com o aluno de EJA não é só taxá-lo como um aluno igual a qualquer outro, pois há em seu contexto de vida [...] (RETIRAR : PORÉM, UMA BOA PROPOSTA [...] DESSES EDUCANDOS.**

**Souza (2011, p.11) em [...] "a prática social efetiva é aquela [...] sociais educativas". VERIFICAR FONTE."**

**Atenciosamente**

**Comissão Científica do IV Fórum Internacional de Pedagogia**

## **QUAIS DESAFIOS ESTÃO POSTOS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES/AS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL?**

Enayde Fernandes Silva, estudante de Pedagogia, UFPI  
Lorena Raquel de Alencar Sales de Moraes, estudante de Pedagogia, UFPI  
Marli Clementino Gonçalves, Professora da UFPI, Doutoranda em Educação-UFPI

### **RESUMO**

Este trabalho é resultado das discussões, análises e sínteses de textos da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos que culminou na realização de trabalhos como peças de teatro e montagem de painéis discursivos sobre os/as Educadores/as que atuam nesta modalidade de ensino. A EJA é um direito protegido e amparado em lei, voltada para as pessoas que por algum motivo, não tiveram acesso ou não concluíram o ensino regular na idade apropriada. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de autores que discutem a EJA e a Formação do/a Educador/a com foco nos estudos de Arroyo, (2006) e Souza (2011), estudos referências na disciplina. Estes autores, ao tratar da formação do/a educador/a de EJA o fazem numa perspectiva histórica, explicitando os fatores que limitam a ação desse sujeito e de seu processo formativo, mas também apresentam possibilidades a partir da ação social, da luta no campo político e pedagógico. A análise do estudo bibliográfico permitiu inferir que a formação de educadores/as para a EJA no Brasil é um desafio visto que ainda que se tenham experiências pontuais, não há uma tradição de formar profissionais que atuem com qualidade nesta modalidade, aumentando assim as dificuldades de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, formação de educadores, prática docente.

## **1.Introdução**

A humanidade é desumana  
Mas ainda temos chance...  
Renato Russo.

Esta letra de Renato Russo pode parecer desconexa, mas há uma aproximação com a discussão da educação de jovens e adultos, podemos perceber que ela apresenta uma grande relação com a educação destas pessoas que foram excluídas historicamente dos processos educativos escolares em função de seu lugar na sociedade. Objetivamos por meio deste trabalho discutir sobre a formação do educador de EJA. Que saberes este professor deve dominar? Em que sua prática deve consistir? Como lidar com a heterogeneidade? Quem deve dar o “primeiro passo”? Quais os desafios que este deve enfrentar? Todavia, antes de falarmos especificamente sobre ele, precisamos entender a trajetória histórica da Educação de Jovens e Adultos e procurar delinear o perfil destes educandos.

## **2.Um pouco dessa história**

Por muito tempo perdurou a ideia de que a educação de jovens e adultos era tão somente instrumentalizar, ensinar a ler e escrever. Isto veio desde a chegada dos jesuítas até pouco tempo atrás para que os colonos pudessem ler o catecismo. Notamos uma mudança singular com a troca de modelo econômico mundial, no qual países que investiram em educação estavam em maior vantagem que aqueles onde a realidade agrária era predominante, a exemplo do Brasil.

Quando se pensou, de fato, em educar estas pessoas, este pensamento atrelou-se a idéia de formá-las profissionalmente, porém continuava-se pregando a idéia de apenas alfabetizar o trabalhador, para que o mesmo soubesse ler as regras impostas pelo estado inserindo-os na população economicamente ativa (PEA) visando aumentar os índices de desenvolvimento econômico do país. E, com o modelo industrial e urbano, na década de 40, surge a necessidade de mão-de-obra qualificada e alfabetizada.

A busca por recuperar o tempo perdido, deu início a muitas campanhas de alfabetização no século XX, muitas fracassaram, a exemplo da CEAA

(Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos) e do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que tinham um caráter tecnicista, compensatório e supérfluo. Um novo olhar sobre esta educação veio com as propostas do educador Paulo Freire de uma pedagogia libertária, enfatizando a realidade do educando, levando-se em conta suas experiências. Mas, com o advento da ditadura militar, o progresso mais uma vez foi interrompido, voltando a se falar nela (educação) apenas com na Constituição Federal de 1988 que, em seu artigo 208, I fala em uma educação básica obrigatória e gratuita até para os que não tiveram acesso a ela em idade apropriada. Anos depois, a LDB nº 9394/96 procurou sistematizar esta educação no capítulo II, seção V artigos 37 e 38 onde se é assegurado o ensino a quem não teve acesso ao ensino fundamental e médio gratuito na idade própria, sendo garantidos também exames e cursos supletivos compreendidos na base comum do currículo, em caráter regular. Podemos perceber que somente durante a década de 90 é que a EJA consolidou-se tal qual conhecemos hoje.

Outro fator que devemos entender antes de tratarmos sobre o educador é quem será educado: o aluno de EJA. Inicialmente, pensamos que se trata apenas de mais um aluno, ao fixarmos nosso olhar sobre ele, percebemos que este possui características peculiares distintas do perfil considerado “normal” de educando. Geralmente são pessoas que trabalham o dia inteiro e, ao fim do dia, exaustos, dispõem-se a frequentar as aulas adquirindo e aprimorando conhecimentos essenciais à sua formação não só acadêmica, mas também, humana.

No processo de alfabetização o educador e educandos devem caminhar juntos, para que se tenha melhores resultados através de uma aprendizagem recíproca. Como, segundo o próprio Paulo Freire afirma, aprender a ler e escrever já não é a memorização de sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

Vale ressaltar que a EJA é oferecida não só no período noturno, mas este tem predominado sobre os demais. Pois em sua maioria são alunos pobres, de cultura própria que buscam melhorar de vida, manter ou conquistar um emprego, obter um diploma escolar ou, simplesmente, a satisfação de um valor o qual porque este não teve oportunidade de acesso na idade apropriada.

Entretanto, ainda há visão tradicionalista que perdura mesmo com tantos avanços e mudanças de paradigmas, onde a discriminação e críticas favorecem, assim, a existência de um arquétipo “fracassado que busca recuperar o tempo perdido”, esse, oriundo tanto de si, através de uma cultura já enraizada, quanto da comunidade que o cerca.

Tratar do aluno de EJA é considerar que há em seu contexto de vida toda uma história já construída que precisa ser explorada. Portanto nós, como educadores/as e como sociedade (também), devemos levar em conta fatores essenciais como o social, o econômico e o político não chegando, portanto, a ser um exemplo fixo e imutável a ser seguido.

### **3. A formação de Educadores/as de EJA**

Partindo deste arcabouço histórico, entramos propriamente na formação do educador de EJA que transcende o apenas ensinar, cuja atuação vai além das quatro paredes de uma sala de aula e grande parte desta mudança de concepção deveu-se à contribuição de Paulo Freire com sua educação dialógica partindo da horizontalização do contato entre professor e aluno.

O perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontram-se ainda em construção. Temos assim um desafio: vamos ter que inventar esse perfil e construir sua formação. (ARROYO, 2006, p.18). A assertiva explicitada por Miguel Arroyo é um dos elementos centrais a ser discutida sobre a formação de educadores/as e EJA no Brasil. Não há ainda uma trajetória construída solidamente e este é o primeiro desafio. Partir das experiências, mas superando-as.

Isto implica na saída de sua zona de conforto e seu ingresso na comunidade com o intuito de conhecer ainda mais sobre a realidade deste aluno para criar alternativas de métodos e técnicas que possibilitem um melhor trabalho sobre estes educandos, em oposição ao velho modelo de hierarquização do ensino. Ora, não estamos lidando mais com crianças que, em relação a um adulto, podem ser consideradas “tábulas rasas”, são pessoas com vivências e experiências diferentes das quais estamos acostumados a ter e trabalhar em sala requerendo dos profissionais um currículo diferente da formação dos outros.

Segundo Souza (2011, p.11), a “prática social efetiva é aquela que expressa à intencionalidade política de transformação, e não de conservação das relações sociais educativas”.

Neste âmbito, entra em questão o professor como um profissional reflexivo e emancipador que tem de vencer três modelos pré-estabelecidos: o dele, quanto ao seu próprio papel, o do aluno que se vê desmotivado ao internalizar o conceito “fracassado” e se depara com uma classe voltada a alunos de idade menor e o da própria sociedade que, ao mesmo tempo em que incentiva, vê com maus olhos aqueles que regressam à escola. Este processo de libertação não vem no currículo do professor, mas durante sua própria prática. Nisto, vemos um grande perigo: a sala de aula de EJA acaba virando um laboratório para o educador/a, quando, na verdade, deveria estar preparada para receber estes alunos e não usá-los como “cobaias” para futuros projetos.

Ser educador/a de jovens e adultos requer um grande esforço, não só pelo processo histórico de construção dessa modalidade, como também o fato desta discussão ser, ainda, recente. O termo “educação de jovens e adultos” só passou a existir após a IV Conferência Internacional de Educação de Adultos realizada em 1985, em Paris. No Brasil, ele só passou a existir após a Lei nº 9394/96. Entretanto, a preocupação com a EJA data de longas datas, mas ainda vivenciamos uma concretização desta discussão. Antes, a preocupação era como trazer estes alunos de volta à sala, inúmeros programas foram criados, a exemplo do PROEJA, ainda existe atenção a este enfoque, no entanto, um novo debate gira em torno do professor/a desta modalidade de ensino. Quais são os principais desafios enfrentados por ele/a? Qual o seu real papel? Como lidar com estes alunos, atraí-los, ensiná-los? Ao que parece, esta discussão ainda está longe de um fim.

Eles lidam diariamente com jovens e adultos que trabalham durante o dia ou parte dele ou que não tiveram oportunidade de estudar no tempo certo e por que não citar os idosos que, cada vez mais, preenchem as salas? De fato, o professor/a da EJA lida com a classe mais heterogênea que podemos imaginar. Em cada carteira, uma vivência, uma história, ao contrário das crianças que serão iniciadas, socializadas, que aprenderão a enxergar o mundo criticamente, eles trazem sua própria bagagem de experiências, suas leituras de mundo, como diz Paulo Freire. Quem ensinou-lhes foi a vida e por

que não os calos causados pela enxada, pela agulha? Estas pessoas não voltaram à sala de aula em busca, apenas, de alfabetização ou compensação, desde a Lei nº 5 692/71 que este ensino deixou de ter apenas estas funções. Não são menores para aceitar tudo que lhes é proposto e ensinado como se aquilo fosse uma verdade incontestável. Eles precisam enxergar a utilidade do conteúdo em suas vidas, para então construir a ponte ensino-aprendizagem. Já dizia Leontiev, a partir das necessidades é que a atividade será construída.

A partir do momento em que o aluno entende a necessidade de aprender aquilo que o professor falou, ele cria uma meta. Em busca dela, ele vai à procura das formas de alcançá-la, dirigindo sua ação ao processo educacional. É justamente neste ponto em que o educador irá atuar. Como despertar o interesse dos alunos em busca da intencionalidade do que estão aprendendo? São jovens, adultos e idosos que vão cansados para a aula, que encontram salas que estimulam crianças pequenas, que se sentem incapazes de aprender, como atuar em uma turma que eu sequer conheço? Esquecemos que há muito, o paradigma tradicional foi quebrado, professor e aluno mantêm uma relação horizontal, dialógica, em que ambos atuam na construção do conhecimento. É importante conhecermos bem o aluno para que a prática pedagógica seja realmente efetiva. A escola não é mais um mundo a parte, ela envolve não só o indivíduo, mas também a comunidade, é crucial que a realidade por eles vivenciada, entre em sala, caso contrário, não haverá um resultado. Fazer com que eles criem uma imagem mental que os faça compartilhar significados, é mais um desafio ao professor.

Se por um lado, há questões de caráter cotidiano e de certa maneira pragmático, do outro, existe o confronto com antigas metodologias. O/a professor/a capacitado que entra pela primeira vez numa turma de jovens e adultos depara-se com a realidade assustadora existente e que é amenizada pela teoria, um choque é a primeira coisa que acontece, ele/a encontra-se sem saída, seu primeiro pensamento é desistir: salas em condições inapropriadas para o ensino com esta faixa etária ampla, alunos com idade maior que a do próprio professor, que têm sua própria criticidade, só para início de conversa. Quando o/a educador/a passa por um processo de reflexão, ele/a desenvolve o desejo de atuar e aí, enfrenta o problema da falta de recursos, dos maus olhos

à sua nova proposta. Apesar de termos quebrado a barreira tradicional, as novidades ainda não são bem vindas de imediato.

O ensino passa a ser orientado, o aluno segue um caminho para a aprendizagem guiado por situações que envolvam operações por parte dele e que o façam refletir e analisar, só depois é que o conhecimento é produzido e mesmo assim, ele não é visto como acabado ao fim do processo. Conduzir esta caminhada requer preparação do profissional, só agora, esta realidade vem mudando, pois até pouco tempo, quem cuidava do ensino deles eram os que se formavam para atuar no ensino fundamental. Há muito o que ser revisto, apontado e debatido em torno da questão do ser formador/a de jovens, adultos e idosos, passos já foram dados, mas as coisas levam tempo para serem mudadas, a exemplo temos a própria EJA que levou tempo para se consolidar.

Outra questão bastante importante diz respeito aos conteúdos a serem abordados. Antigamente, a visão instrumentalista abrangia apenas o ensino de ler e escrever. Hoje, há este ensino, mas existe também a necessidade de se trabalhar conteúdos que permitam o prosseguimento dos estudos. Segundo o MEC (1997, *apud* SILVA, 2011):

O ato criador prova o natural estado de satisfação decorrente do poder de criar... e essa alegria gera valores mais importantes que mobilizam sentimentos de autoconfiança nos alunos e os leva a sentir e descobrir outros valores fundamentais à vida.

É importante notarmos que esta bagagem conteudística deve trazer, também, assuntos relacionados a questões sociais (não só aqueles mencionados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais) a exemplo da discussão de direitos trabalhistas uma vez que a emancipação buscada por estes alunos não diz respeito apenas à independência proporcionada pelo aprendizado do ler e escrever, mas também aquele relacionado ao conhecimento de direitos e deveres enquanto cidadãos e mais ainda enquanto estudantes trabalhadores. Chegamos então à proposta de Paulo Freire quanto à uma educação politizadora, problematizadora e libertadora. Com isto, há uma

associação entre teoria e prática já que os alunos passam a vivenciar o que estão estudando.

A EJA tem de colocar no debate da educação brasileira o direito à educação como direito histórico e concreto e não como um direito abstrato e generalista [...] Hoje existe todo um movimento de dúvida sobre essas proclamações de direitos generalistas e abstratos, que deixaram mais de  $\frac{3}{4}$  dos próprios sujeitos desses direitos de fora do prometido progresso universal. (ARROYO,2006, p.29)

E como tratar desta questão na formação dos educadores desta modalidade? Segundo Souza (2011, p.138, grifo nosso):

Nos dias atuais, a formação do educador vem sendo potencializada por meio de processos de **formação continuada**, a exemplo dos **grupos de estudos, cursos de especialização, cursos e simpósios** para capacitação docente, entre outras experiências desenvolvidas nos estados brasileiros. São sinais de que, aos poucos, ampliam-se os espaços de debate entre os educadores, embora ainda haja muito por se fazer, tendo em vista as condições precárias de trabalho e de salário dos profissionais da educação.

Um dos problemas que mais preocupam no tocante ao educador EJA é a falta de preparo de muitos destes profissionais, sem preparação adequada, não há prática efetiva. Nota-se que professores de qualquer licenciatura assumem turmas de EJA e acabam tratando seus alunos como se fosse outra turma qualquer, não se pretende ao se tratar de forma específica o/a professor/a de eja criar uma segregação entre os professores, tampouco exaltá-lo sobre os demais como se não fosse preciso uma formação específica, também, ao professor de educação infantil, por exemplo. Procura-se ao enfatizar esta especificidade uma sistematização e valorização do professor enquanto ser emancipador de seres já crescidos e de vivências singulares. Se, até para o curso de pedagogia, falta carga horária no currículo para esta modalidade imagine para os outros cursos voltados às disciplinas cada vez mais específicas.

Pensar o trabalho docente em educação de jovens e adultos requer falar, também, na forma com que a escola acaba tornando-se uma das



principais promovedoras da exclusão. Sabemos que o ensino de EJA, em sua maioria, ocorre durante o período noturno, Tomazi (1997, p.72) sinaliza este problema:

Há também a desigualdade entre o ensino diurno e o noturno, principalmente no sistema oficial. No período noturno o padrão de ensino é ainda mais deficiente, pois se pressupõe que os alunos trabalham durante o dia, sendo difícil exigir muito deles, sob o risco de saírem da escola ou repetirem continuamente.

Há um desencontro entre os ideais que a escola prega e os que o/a educador/a busca passar aos seus alunos, se não há um consenso entre esta instituição e o/a professor/a, não há como obter sucesso em qualquer ação empreendida. Ela acaba difundindo uma ideia, mas esta não é de igualdade, apesar de todo um discurso político-pedagógico, percebemos que ainda há muito que melhorar no tratamento e atenção dado ao público de educação de jovens e adultos que buscam uma autoafirmação e reconhecimento, mas acabam deparando-se com um muro de marginalização e exclusão mantido pela instituição que deveria libertá-los.

Na sala de aula o desafio é recíproco, o professor-educador precisa estabelecer um vínculo dialógico com o aluno, relacionar o conteúdo com a vida do mesmo. Isto requer um empenho dele em motivar, usar criatividade para planejar suas aulas e ministrar os conteúdos, entretanto, não adianta só o/a professor/a dar o famoso “primeiro passo”, necessita-se de políticas. Como afirma Arroyo, a educação de jovens e adultos precisa ser política e uma prática histórica para que tenha resultado para estes alunos que buscam uma melhoria de vida, uma alternativa para mudar o quadro de exclusão no qual estão inseridos. Falando em exclusão, devemos ressaltar outro quadro que tem obscurecido a visão do/a educador/a sobre a EJA: a evasão escolar. Sem capacitação, os professores não conseguem manter estes alunos em sala, uma vez que as metodologias utilizadas se tornam enfadonhas por ser comparadas ao ensino infantil, sendo tratados como crianças, como se nada que eles trouxessem fosse proveitoso ou fornecesse algum conhecimento. Destacando também as estruturas da própria instituição escolar que não se encontram

adequadas para o público de idade avançada, são cartazes com desenhos e cores voltados ao público infantil que os desestimulam e que os fazem pensar que, ao invés de progredirem, sentem-se voltando aos tempos de criança.

Os jovens e adultos não estão no mesmo tempo mental, cultural, social do que crianças de 6 a 14 anos. Seus saberes, cultura, vivência são outros, sua lógica, seus conhecimentos da natureza, da cidade ou campo, da produção e do trabalho, o conhecimento de si mesmos e do ser humano, de seu gênero, etnia, raça, são outros. Carregam vivos que a criança e o adolescente não carregam. (ARROYO, 2006, p.31).

Apropriando-se deste direcionamento, podemos perceber que se tratando de educação de jovens e adultos no tocante à formação do educador, há muito o que ser discutido, pois se trata público diversificado que este irá atender e com quem atuará. De acordo com Souza (2011, p.12):

Este é o sentido do ser profissional da educação: os conteúdos não estão prontos e acabados; o estudo e o planejamento são essenciais para o desenvolvimento de uma prática educativa que se pretende crítica, portanto criativa, fortalecida nos conhecimentos históricos já acumulados e no respeito a cada uma das experiências pontuais da prática social dos sujeitos da educação.

#### **4. (In) Conclusão**

Em síntese, é possível inferir que as discussões trazidas pelos autores demonstram que, na prática, é possível mudar os rumos sociais do país, através da educação e a quem compete este pontapé inicial de transformação? Aos educadores/as, profissionais qualificados que têm a consciência de que a turma de EJA é heterogênea, que possui necessidades diferentes das demais e é, em si, um laboratório vivo de produção de conhecimento no qual cada ser humano ali presente tem muito a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. É importante ressaltar que, acima de emancipar o outro, primeiramente, o/a professor/a de EJA deve se emancipar. Libertar-se de raízes passadistas e criar seus próprios modelos juntamente com seus alunos em estado de cooperação.

Não há, portanto, um modelo pronto de como ser educador/a de jovens e adultos, o que existem são teorias, experiências pontuais, sugestões de como lidar com este público, estamos tratando de pessoas como quaisquer

outras que estão em busca de uma chance dada pela sociedade que, ao mesmo tempo que incentiva, também discrimina. Estamos falando de uma escola que não está preparada para recebê-los, mas que mesmo assim, tenta fornecer o mínimo possível de oportunidade. Falamos de professores/as que ainda não sabem bem como lidar com as turmas de EJA, mas que, dia após dia, muitos tentam fazer o máximo que podem. Pelo visto, falar em Educação de Jovens e Adultos é falar em paradoxos, em dualidades que se estendem através do tempo e que acabam por interferir na prática docente. No entanto, esta união aluno-sociedade-escola-educador/a, mesmo com suas antagonidades tem colaborado e muito para a formação de pessoas conscientes, trabalhadores qualificados e cidadãos atuantes que melhoram o lugar onde moram, o Estado em que vivem e este país que os acolhe apesar de tudo. Se a EJA for tratada como um direito, sendo garantidas as condições de acesso, permanência e conclusão dos estudos, se aos/as educadores/as forem oportunizadas formações contínuas, valorização profissional e condições de trabalho, não há dúvida de que todos saem ganhando e o Estado brasileiro estará respondendo por um de seus deveres: garantir a todos o igual acesso a esse direito inalienável que é a educação escolar.

### **Referências Bibliográficas**

ARROYO, Miguel González. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica? SECAR-MEC/UNESCO, 2006.298 p. p.17-31. Disponível < <http://forumeja.org.br> > Acesso em 17 abr. 2012.

CRISTINE, Elen. **Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Disponível em < <http://www.mundodaeducacao.com.br>> Acesso em 10 mai. 2012.

HADDAD, Sérgio. **A importância do investimento em educação de jovens e adultos no Brasil**. Disponível em < <http://www.observatoriodaeducacao.org.br>> Acesso em 10 mai. 2012.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luiza Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** Disponível em < <http://www.forumeja.org.br>> Acesso em 05 mar. de 2012.

RUSSO, Renato. Quando o Sol bater na janela do teu quarto. **As quatro estações**. CD-ROM. Universal Music, 1989.

SILVA, Iracilda Gabriel de. **A importância da educação de jovens e adultos**. Disponível em < [www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)> Acesso em 07 mai. 2012.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação de jovens e adultos**. 2 ed. ver.atual. ampl. Curitiba: Ibpex, 2011.198 p.

TOMAZI, Nelson Dácio. As desigualdades sociais e educacionais. In: \_\_\_\_\_ **Sociologia da Educação**. São Paulo: Atual, 1997, p.50-77.

**Da apresentação do Trabalho - A apresentação deverá ser elaborada em Power Point. Cada apresentador terá um tempo máximo de 15 minutos. Cada trabalho será apresentado por um componente relacionado no trabalho.**